

Estágio supervisionado em Educação Física: experiência com a Educação de Jovens e Adultos

Supervised internship in Physical Education: report of experience with Youth and Adult Education

Sabrina Prats Raspini

Samantha Sabbag

Resumo: Os estudos que analisam em profundidade a prática da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos são escassos e incipientes. Contudo, estes convergem em indicar que a Educação Física vem sendo considerada nestes espaços de modo bastante irregular, com caráter recreativo e ausente de reflexão teórica. Neste sentido, neste artigo buscou-se relatar a experiência vivenciada como docente (estagiária) nesta modalidade de ensino, tal como debater sobre a participação dos alunos diante dos conteúdos selecionados para as intervenções. Para isto as aulas ministradas no estágio foram analisadas e assim foi possível levantar algumas dificuldades, por exemplo: evasão, dificuldade de se encaixar em determinados grupos, inconformidade nas escolhas dos conteúdos para as diferentes faixas etárias, incompatibilidade de associação com a realidade cotidiana dos alunos, dificuldade nas relações entre aluno e professor, entre outras. Desta forma, conclui-se que os estagiários e professores de Educação Física devem buscar atividades que contemplem os conteúdos previstos na proposta curricular, mas também propor atividades que abranjam as diferenças existentes e possibilitem ao educando a construção do seu conhecimento, levando em consideração a sua realidade para que as aulas se tornem mais significativas.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Educação Física; Estágio Supervisionado.

Abstract: Studies that analyze in depth the practice of Physical Education in Youth and Adult Education are scarce and incipient. However, these converge in indicating that Physical Education has been considered in these spaces quite irregularly, with a recreational character and absent from theoretical reflection. In this sense, in this article we sought to report the experience lived as a teacher (intern) in this type of teaching, as well as discussing the participation of students in the content selected for the interventions. For this, we analyzed the classes taught and so we were able to raise some difficulties, for example: dropout, difficulty in fitting into certain groups,

nonconformity in the choices of content for different age groups, incompatibility of association with the daily reality of students, difficulty in relations between student and teacher, among others. Thus, we concluded that interns and Physical Education teachers should seek activities that include the content provided for in the curriculum proposal, but also propose activities that cover the existing differences and enable the student to build their knowledge, considering their reality to those classes become more meaningful.

Keywords: Youth and Adult Education; Physical Education; Supervised internship.

INTRODUÇÃO

De acordo com a Constituição Federal de 1988, a educação é um direito social de dever do Estado e da família (BRASIL, 1988). A Emenda Constitucional nº 59, de 2009, define que o Estado tem o dever de garantir a educação gratuita dos quatro aos dezessete anos, inclusive para aqueles que não tiveram acesso em idade própria (BRASIL, 2009).

Neste contexto, a Educação de Jovens e Adultos – EJA visa democratizar o acesso à formação básica, sendo “destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria, constituindo instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 1996, p.19). Assim, a Educação de Jovens e Adultos perpassa todas as etapas da educação básica, permitindo que pessoas que, por algum motivo tiveram que parar de estudar na idade apropriada, retomem seus estudos. Como ressalta Oliveira (1999), a modalidade EJA não é definida, de fato, pelo recorte etário ou geracional, e sim pela condição de exclusão sociocultural, socioeconômica e educacional da parcela da população que constitui seu público-alvo.

No que se refere à Educação Física nesta modalidade de ensino, a disciplina tem como enfoque o trabalho de conteúdos que manifestem as diversas expressões corporais, tais como jogos, esportes, ginástica, dança, lutas e atividades que desenvolvam potencialidades e competências nas esferas afetiva, social e cognitiva. Desse modo, a Educação Física utiliza-se das manifestações e expressões culturais que compõem a cultura corporal

(SOARES *et. al.* 2012), possibilitando aos alunos o contato com a cultura corporal do movimento, bem como hábitos saudáveis, atividades de lazer e a melhoria da condição integral do indivíduo (ARANTES, 2002).

Salienta-se que, por agregar idades heterogêneas, experiências, capacidades e habilidades distintas aos educandos do ensino regular, a EJA necessita de uma prática pedagógica diferenciada em relação ao ensino da Educação Física. O professor precisa nortear sua prática em duas questões primordiais: em um primeiro momento, o docente deve refletir acerca de quem são os alunos da EJA e, posteriormente, deve se questionar como pode ser desenvolvida a Educação Física para estes alunos, o princípio da inclusão deve ser considerado a todo momento da prática pedagógica (ARANTES, 2002).

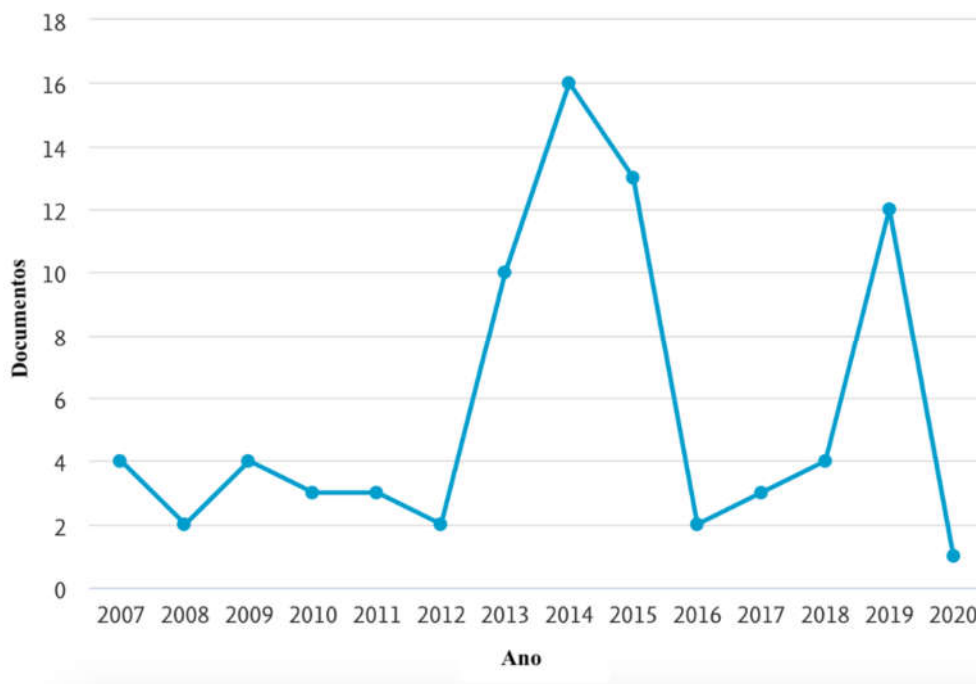
De forma a contribuir para a prática pedagógica, o estágio supervisionado é imprescindível para a formação do docente, pois oferece a oportunidade aos futuros educadores, em específico aos estudantes da graduação, de presenciar uma relação próxima com o ambiente que envolve o cotidiano de um professor. Assim, a partir desta experiência os acadêmicos começam a se compreender como futuros professores, encarando o desafio de conviver, falar e ouvir, com linguagens e saberes distintos do seu meio (PIMENTA, 1997).

O estágio supervisionado na modalidade de Educação de Jovens e Adultos é uma experiência fundamental e enriquecedora. Considerando uma experiência neste estágio, foi possível colocar em prática o conhecimento assimilado, ter contato com alunos que possuem características divergentes entre si, além de vivenciar todas as situações que permeiam o âmbito escolar. O objetivo deste período é desenvolver em cada estudante a compreensão das teorias estudadas durante a graduação e oportunizar a reflexão sobre a prática docente. Deste modo, a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado de Santa Catarina, visa possibilitar a aproximação entre a universidade e a escola, bem como desenvolver os conteúdos específicos da Educação Física escolar para a modalidade em que ocorre.

Assim, buscou-se neste estudo relatar as experiências vividas nas aulas de Educação Física com educandos da EJA de uma escola de Educação Básica, na região da Grande Florianópolis em Santa Catarina, expondo como as aulas foram desenvolvidas, os desafios e as dificuldades encontradas.

Com o objetivo de reconhecer o panorama geral sobre o desenvolvimento de estudos na temática supracitada, utilizou-se o banco de dados Scopus, disponível no Portal de Periódicos CAPES, e os termos de busca (youth and adult education "OR" Educação de Jovens e Adultos") para acessar os artigos. Foram encontrados 79 documentos, sendo o primeiro datado de 2007. O ano de 2014 teve o maior número de estudos (16), seguido por 2019 (14), conforme apresentado no Gráfico 1. A Universidade Federal de Minas Gerais lidera o ranking de publicações com oito documentos, seguida pela Universidade Federal Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com sete documentos cada.

Gráfico 1 - Números de estudos publicados por ano



Fonte: adaptado de Scopus (2020)

Contudo, após um refinamento a partir da leitura dos títulos e resumos dos artigos, constatou-se que apenas um documento aborda a Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, a pesquisa de Carvalho e Camargo (2019), intitulada: Formação de professores em Educação Física e a Educação de Jovens e Adultos. Assim, torna-se evidente a necessidade de estudos aprofundados nesta temática.

Este panorama é confirmado pelo estudo de Braga e Fernandes (2015), o qual analisou 79 artigos referentes à Educação de Jovens e Adultos - EJA disponíveis em periódicos brasileiros indexados na base SciELO (2010-2014), indicando que há silêncio sobre educação física no currículo escolar na referida modalidade.

Neste contexto, com este estudo pretende-se contribuir para a literatura, evidenciando, a partir da experiência do estágio docente, a importância da prática pedagógica da educação física na Educação de Jovens e Adultos.

HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Educação de Jovens e Adultos, assim como a disciplina de Educação Física, sofreram muitas mudanças ao longo da história. Desta forma, conhecer, de forma sucinta, a trajetória da EJA e sua contextualização histórica nos ajuda a compreendê-la atualmente, de modo a refletir sobre seu desenvolvimento e sobre como estes aspectos contribuíram para a conjuntura atual.

De acordo com Almeida e Corso (2015), há registros da Educação de Jovens e Adultos a partir da década de 1940 – em 1947 ocorreu a primeira ação pública visando o atendimento específico ao grupo de adolescentes e adultos, a partir do lançamento da Primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos - CEAA, iniciativa do Ministério da Educação e Saúde e coordenada por Lourenço Filho. Contudo, os autores salientam que a EJA vivenciou um “longo percurso de ausências de políticas públicas e de fracasso na promoção da escolarização da população” (ALMEIDA; CORSO, 2015, p. 1286).

Em 1964, o Ministério da Educação e Cultura instituiu o Programa Nacional de Alfabetização de adultos a partir do Decreto nº 53.465/1964 (BRASIL, 1964). A coordenação da iniciativa foi designada a Paulo Freire, criador do método de alfabetização utilizado pelo programa. Pretendia-se alfabetizar 1.834.200 adultos, atendendo assim 8,9% da população analfabeta (da faixa de 15 a 45 anos), que em setembro de 1963 era de 20,442 milhões de pessoas. Porém, a iniciativa foi interrompida ainda em 1964 devido ao Golpe Militar. Já em 1967, o governo militar estabelece o Movimento Brasileiro de Alfabetização -MOBRAL (FREIRE, 1979; FRIEDRICH et al., 2010; ALMEIDA, CORSO, 2015; CUNHA, 2019).

Em 1971, a Lei nº. 5.692 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1971) regulamentou o Ensino Supletivo, o qual tinha como proposta a reposição de escolaridade, contemplando os jovens e adultos (FRIEDRICH *et al.*, 2010; MIRANDA; SOUZA; PEREIRA, 2016).

Nos anos 80, com a redemocratização do país, o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL foi extinto e substituído pela Fundação EDUCAR – Fundação Nacional para a Educação de Jovens e Adultos. Na prática a Fundação EDUCAR possuía as mesmas características do MOBRAL, contudo, sem o apoio financeiro necessário para a manutenção das atividades. A extinção da Fundação ocorreu em 1990, seguida pela descentralização política do ensino de jovens e adultos. Assim, a responsabilidade pública dos programas de alfabetização e pós-alfabetização foi repassada aos municípios (FRIEDRICH *et al.*, 2010).

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (nº. 9.394/96) foi instituída em 1996, reafirmando o direito dos jovens e adultos ao ensino básico e gratuito e substituindo a denominação “Ensino Supletivo” por “Educação de Jovens e Adultos” - EJA (FRIEDRICH *et al.*, 2010; MIRANDA; SOUZA; PEREIRA, 2016).

No ano de 2003, o Governo Federal estabeleceu a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, lançando o Programa Brasil

Alfabetizado. Nesta iniciativa, estavam incluídos o Projeto Escola de Fábrica, o PROJOVEM e o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos - PROEJA (FRIEDRICH *et al*; 2010). No ano de 2007, o Ministério da Educação - MEC aprova a instituição do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica - FUNDEB e todas as modalidades de ensino são incluídas nos recursos financeiros destinados à educação (MIRANDA; SOUZA; PEREIRA, 2016).

Por fim, em junho de 2014 foi aprovado o Plano Nacional de Educação - PNE, Lei nº. 13.005, com o objetivo de atender ao cumprimento do disposto no art. 214 da Constituição Federal. Dentre as diretrizes do PNE, tem-se: I) erradicação do analfabetismo; II) universalização do atendimento escolar; III) superação das desigualdades educacionais, IV) melhoria da qualidade da educação; V) promoção do princípio da gestão democrática da educação pública e VI) promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País (BRASIL, 2014). Neste contexto, as propostas pedagógicas do EJA buscam, por meio de projetos interdisciplinares, alcançar tais objetivos.

O ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, nº. 9.394, de 1996 aborda na seção 1, artigo 26, parágrafo 3º, o único direcionamento para os professores de Educação Física, o qual teve sua redação alterada pela Lei 10.328, de 12 de dezembro de 2001 (BRASIL, 2001). Assim, de acordo com a Lei, “a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 2001, p. 01).

A Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003, conferiu ao texto que trata da Educação Física na LDB, e que, portanto, é o texto em vigor atualmente, a seguinte redação:

- I – cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;
- II – maior de trinta anos de idade;
- III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;
- IV – amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; (Incluído pela Lei nº 10.793, de 1º.12.2003);
- V – (VETADO);
- VI – que tenha prole (BRASIL, 2003, p. 01).

Assim, para alunos que possuam alguma das condições supracitadas, a Educação Física se torna de caráter opcional. De acordo com Pimenta (2011), a Educação Física acaba sendo, por muitas vezes, desconsiderada pelos alunos. Ainda segundo o autor, o aluno do EJA enfrenta dilemas quanto às práticas corporais do movimento – “o aluno trabalhador, que trabalha durante o dia para ter aula a noite, com o corpo cansado, um corpo já marcado por uma história de movimento ou não, mas que vê a escola como o lugar da certificação” (PIMENTA, 2011, p. 26).

Ressalta-se que muitos dos alunos trazem consigo um conceito da prática de Educação Física baseado nas suas experiências anteriores. Neste contexto, a Educação Física é vista como uma atividade de lazer fora do ambiente de trabalho, não como uma “possibilidade de reflexão e sentidos estabelecidos por um contexto histórico-cultural” (PIMENTA, 2011, p. 27). Para Günther (2014), a Educação Física inserida na EJA materializa-se de muitas formas, assumindo, em geral, uma situação marginal com um caráter de atividade recreativa e opcional.

Por fim, é evidente que apesar de a Educação Física ainda ser exercida como uma atividade extracurricular e muitas vezes limitada apenas aos esportes, tem grande importância para o desenvolvimento integral das crianças e jovens, com instrumentos e metodologias que foquem nos aspectos cognitivos, físicos e socioculturais, conforme estabelecem as documentações vigentes (COSTA FILHO, et al, 2017).

Com isso, a disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Educação Física IV, promoveu na acadêmica/estagiária a inserção na rede escolar, mais especificamente na Educação de Jovens e Adultos, possibilitou a superação de alguns dos desafios que são encontrados na educação básica, além de proporcionar um ambiente privilegiado para vivências de práticas pedagógicas, a fim de melhor compreender a profissão docente.

ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EJA: ORGANIZAÇÃO E VIABILIZAÇÃO DAS AULAS

A disciplina de Estágio curricular supervisionado IV, cursada pela acadêmica na 8ª fase do curso de Licenciatura em Educação Física, no ano de 2019, promovida pelo Centro de Ciências da Saúde e do Esporte – CEFID, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em Florianópolis, é o estágio no Ensino Médio. Oficialmente não existe na grade curricular do curso, proposta de estágio na EJA, porém como iniciativa das professoras que atuam neste estágio há uma subdivisão entre horários destinados a Escolas de Ensino Médio tradicionais e uma parcela de horários estabelecidos às experiências em uma Escola de Educação Básica que atua com a EJA.

A disciplina foi organizada no primeiro momento com discussões em sala de aula e debates com fundamentações teóricas sobre o exercício da docência, aplicação de conhecimentos, leituras de documentos legais e estudos acerca das características da referida modalidade e desenvolvimento de habilidades necessárias à prática docente. Foram ainda organizadas dinâmicas em grupos que oportunizaram aos estagiários debates sobre a atual conjuntura da EJA.

Os encontros presenciais se configuraram em um momento ímpar para a formação inicial dos acadêmicos, proporcionando reflexões críticas acerca do entendimento do que é a EJA, embasados nos Parâmetros Curriculares em Educação Física (PERNAMBUCO, 2013).

Os estagiários tiveram que cumprir quatro horas de observação do público e da instituição na qual o estágio foi realizado, além de duas horas de observação das aulas de Educação Física e outras disciplinas e mais seis horas de intervenção, totalizando doze horas. A partir das informações coletadas durante as observações, foram realizadas trocas de informações sobre as turmas entre os acadêmicos e supervisores (professor de Educação Física onde ocorreu o estágio e professoras da disciplina de Estágio Supervisionado da UDESC), norteando a elaboração dos planos de ensino e conteúdos a serem trabalhados, de modo que fornecessem um aprendizado significativo aos alunos.

Em conformidade com a proposta do município de Florianópolis-SC para esta modalidade de ensino, que se baseia na pesquisa e na relação com a vida cotidiana dos alunos, organizou-se três oficinas, divididas para três grupos de estagiários, executadas nas segundas-feiras dos meses de Setembro e Outubro de 2019, no período das 19h30m às 21h30m. Cada uma delas contou com seu objetivo específico e com um problema como ponto de partida, com o intuito de desenvolver os aspectos da Educação Física para o primeiro e segundo segmento da EJA. As temáticas elencadas para as oficinas foram: i) tecnologia e saúde, ii) atividade física e lazer e iii) atividade física e saúde, esta última foi a temática designada ao grupo do qual a acadêmica/estagiária que elabora o presente texto fez parte, com outros quatro estagiários. Houve liberdade de escolha para as atividades, mas todas elas contaram com a orientação e avaliação das professoras responsáveis por ministrarem a disciplina, assim como a supervisão do responsável pela direção da escola de educação básica. Todas as atividades de estágio executadas na EJA foram realizadas conforme os planos traçados pelo grupo, mas também mantendo a percepção do momento de aplicação e adaptando as estratégias, quando necessário, para obter a

melhor vivência possível para os estagiários e para os alunos durante as intervenções.

OFICINAS E APRENDIZADOS

Conforme exposto anteriormente, a temática abordada pelo grupo foi “atividade física e saúde”, a partir desta temática, a primeira atividade desenvolvida trazia como foco “o que eu quero ser quando crescer” e tinha por objetivo fazer com que os educandos se expressassem por meio da linguagem da atividade rítmica experimentando as possibilidades de criação dos movimentos. Assim, atendendo à solicitação da escola na qual o estágio foi desenvolvido, a oficina foi dividida em aula teórica e posteriormente, prática. No primeiro momento, foram observadas algumas situações, por exemplo: evasão escolar, talvez justificada pela i) longa jornada de trabalho vivenciada pela maioria dos alunos, ii) falta de atenção, ou ausência durante a explicação do conteúdo, iii) dificuldade em respeitar a fala dos estagiários e, principalmente, iv) timidez e vergonha em realizar as atividades que envolviam expressões corporais.

Após esta primeira intervenção e em conversa com o grupo de estagiários, ficou nítida a necessidade de aplicar atividades que despertassem o interesse dos alunos ao mesmo tempo em que estivessem em consonância com o conteúdo, mas considerando as limitações e diferenças presentes na turma. A heterogeneidade nesta modalidade de ensino é uma característica presente, a maior predominância é de adultos, mas a presença de jovens e idosos nesta modalidade vem crescendo (SANTOS; SILVA, 2020) e o professor deve desenvolver a capacidade de se adaptar às particularidades de cada um, direcionando sua prática pedagógica conforme a necessidade. Ademais, as experiências e diferenças sobre o mundo um do outro podem gerar boas atividades, questionamentos e boas discussões em sala, podendo ser enriquecedor para todos.

No segundo encontro, ao trabalhar as Capacidades Físicas com a turma, houve a percepção de que os alunos estavam mais ouvintes e participantes das aulas, respondendo questionamentos e dando suas opiniões quando oportuno. Conforme o grupo priorizava atividades que assimilassem o conteúdo transmitido com as vivências cotidianas dos alunos, o entusiasmo e a vontade de participar por parte da turma foi crescendo. Foi neste momento, que houve compreensão da necessidade de aproximação do conteúdo transmitido com a realidade do público da EJA. Os conhecimentos já adquiridos de uma pessoa que procura tardiamente a escola são inúmeros, principalmente por serem frutos de muitas experiências vividas. Por conta disto, torna-se imprescindível que o professor considere a bagagem destes alunos, visto que pode ser a porta aberta para reflexões, debates, trocas de experiências, análises e construção de outro tipo de conhecimento, o saber científico.

No terceiro e último encontro, a proposta foi baseada nos Esportes de Aventura, termo usado para definir aqueles tipos de esportes com maior grau de risco físico que geralmente estão relacionados à altura, velocidade e esforço físico (FIGUEIREDO *et al.*, 2018). Já pensando no conceito de adaptação compreendido nas duas intervenções anteriores, foram planejadas atividades que abrangessem os adolescentes, os adultos e os idosos. Desta forma, também foi possível adaptá-las ao ambiente escolar.

Houve apreensão, por parte dos estagiários, quanto a aceitação das atividades por parte da turma, em propostas como o *slackline* e a simulação de um acampamento, atividade esta que possuía um caráter lúdico. No decorrer da aula, observou-se a integração e um maior entrosamento entre os alunos, principalmente nas atividades mais recreativas. Assim, foi possível notar que o docente deve compreender como a realidade colocada por meio de brincadeiras e jogos é percebida pelos jovens e adultos, fazendo a interação entre sua real situação e os conhecimentos trabalhados durante as aulas. Durante as atividades, notou-se que os alunos mais jovens auxiliavam os mais idosos de forma descontraída e prazerosa, assim, desencadeando alegrias que estavam guardadas pela rotina e trabalho da vida cotidiana dessas pessoas, facilitando

o processo de ensino e tornando a aprendizagem mais significativa. Desta forma, o lúdico é uma possibilidade para que estes alunos, que não tiveram oportunidades educacionais na idade apropriada e retornaram à escola, possam encontrar um ambiente prazeroso e descontraído ao mesmo tempo em que constroem o conhecimento escolar.

Em convergência com a experiência citada, Paulo Freire (1996) ressalta que quanto mais a pessoa adulta vivencia a ludicidade, mais ela terá a oportunidade de se conhecer como indivíduo, saber de suas limitações, dificuldades e possibilidades, pois o adulto que aprende brincando resgata a alegria de brincar, por este motivo é importante utilizar o lúdico como ferramenta pedagógica na formação destes jovens e adultos.

DESAFIOS

No que se refere ao estágio supervisionado realizado na Educação de Jovens e Adultos, os desafios encontrados diferem àqueles das etapas formais de ensino, compostas pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Tais características distintas entre as modalidades iniciam com a escolha de conteúdo, duração, público atendido, características socioeconômicas e socioculturais dos sujeitos e, inclusive, o formato de ensino. Na EJA, o aluno carrega consigo um contexto histórico composto muitas vezes por dificuldades decorrentes da falta de estudo e recorre à escola em busca de melhoria. A modalidade é composta por um público heterogêneo, que já construiu uma bagagem de conhecimento ao longo da vida. Entretanto, apesar de haver um alto número de alunos matriculados, lida-se com um grande índice de alunos infrequentes, falta de socialização e integração entre alunos de diferentes faixas etárias e dificuldade de adaptação das atividades aplicadas por parte dos professores.

Em relação aos desafios enfrentados durante o presente estágio, ressalta-se a dificuldade de lidar com o público adolescente, considerando que

estes indivíduos vêm de contextos sociais bastante desafiadores, além de terem idades próximas as dos estagiários, fazendo com que descaracterizassem a autoridade destes, como professores. Em uma das oficinas, por exemplo, um dos alunos tornou-se desagradavelmente insistente nas brincadeiras de cunho sexual com algumas estagiárias, constrangendo as pessoas que ali estavam e atrapalhando o desenvolvimento das atividades. Tal situação, exigiu uma postura mais rígida, por parte destas estagiárias no momento, deixando clara a importância de estabelecer limites nas relações entre professores e alunos.

REFLEXÕES E CONCLUSÕES

A partir da leitura dos marcos históricos da EJA constata-se que a modalidade obteve avanços ao longo de sua história, mas ainda há muitos aspectos a serem melhorados, pois o que foi alcançado, percebido através das intervenções na modalidade, ainda é insuficiente para atender às necessidades desses sujeitos. Compreender tais aspectos deve impulsionar os educadores a contribuir para a mudança desse quadro e dar visibilidade à modalidade. Poucas são as pesquisas encontradas sobre a Educação Física na Educação de Jovens e Adultos, de modo que são necessários mais estudos sobre o tema. Espera-se que este relato tenha contribuído para o despertar do interesse dos acadêmicos e docentes sobre a temática e motivação para novos trabalhos, visto que pesquisar com mais afinco a respeito destas temáticas contribui para o processo de ampliação dos conhecimentos da área.

Nas intervenções realizadas no campo de estágio, os desafios encontrados, para além dos que foram descritos anteriormente na sessão “desafios”, foram evasão, talvez justificada por motivo de trabalho, horários incompatíveis com a escola, dificuldades de acesso ou o fato de a escola não atender às suas expectativas, dificuldade de se encaixar em determinados grupos, inconformidade nas escolhas dos conteúdos para as diferentes faixas etárias, incompatibilidade de associação com a realidade cotidiana dos alunos

e dificuldade nas relações entre aluno e professor. A timidez, também foi percebida como um obstáculo para que os alunos socializassem suas ideias, dificultando o processo de aprendizagem.

Por outro lado, a participação e motivação pelas aulas foi marcante e refletiva do bom trabalho desenvolvido pelos estagiários, demonstrados nos feedbacks positivos fornecidos e pelo aumento significativo da interação entre os alunos, percebida principalmente nas atividades de caráter lúdico, práticas diferentes do que estavam acostumados no cotidiano escolar. Desta forma, destaca-se a necessidade de priorização de práticas que contemplem os conteúdos previstos na proposta curricular, mas que também abranjam as diferenças existentes, entre elas a heterogeneidade, característica peculiar a esta modalidade de ensino que faz, sem dúvidas, com que o espaço seja repleto de riqueza social e cultural.

A experiência de estágio nesta modalidade resultou em um momento muito significativo no processo de formação inicial da estagiária/acadêmica/professora que redige este relato, devido às disparidades das realidades que a modalidade apresenta cotidianamente, nada parecido com as experiências anteriores que a formação inicial oportunizou nos estágios supervisionados. Houve contato com pessoas que acordam cedo, trabalham o dia todo e ainda assim, estão dispostas a ir à escola no período noturno, pois acreditam que a formação é o caminho para ascensão social, para a inserção no mercado de trabalho, melhoria da qualidade de vida e principalmente para a superação da desigualdade, tão presente no contexto dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Por estes motivos, salienta-se a importância da realização de estágio nesta modalidade, pois as experiências vivenciadas são valiosas em um duplo processo, por um viés é possível ampliar a aprendizagem por parte do futuro professor, em relação ao conhecimento de uma forma tão diversificada de prática de ensino, com realidades tão divergentes, por outro, é possível contribuir para uma formação mais significativa dos alunos, com experiências e propostas diferenciadas. Assim, a reflexão e a autorreflexão sobre os fatos

marcantes e a experiência vivida neste estágio, podem significar a apropriação de conhecimentos sobre o ‘aprender a ser professora’ no sentido de uma formação profissional que contribua com a melhoria da prática docente e a superação dos obstáculos encontrados pelos alunos e professores da EJA.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A; CORSO, A. M. A Educação de Jovens e Adultos: aspectos históricos e sociais. In: EDUCERE – Congresso Nacional de Educação 12., 2015, Curitiba. **Anais do 12º EDUCERE**. Curitiba, 2015. p. 1283-1299.
- ARANTES, E. Educação física. In: Ministério da Educação. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos**: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série. Brasília. 2002. p. 194-239.
- BRAGA, F. M; FERNANDES, J. R. Educação de Jovens e Adultos: contribuições de artigos em periódicos brasileiros indexados na base Scielo (2010-2014). **Cadernos CEDES** [online]. v.35, n.96, p.173-196, ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015723757>. Acesso em: 27 de abr. de 2020.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 24 de maio de 2020.
- BRASIL. **Decreto nº 53465**, de 21 de janeiro de 1964. Institui o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, 1964. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-53465-21-janeiro-1964-393508-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 de maio de 2020.
- BRASIL. **Emenda Constitucional nº59**, de 11 de novembro de 2009. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/823952/emenda-constitucional-59-09>. Acesso em: 24 de maio de 2020.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Ministério de Educação Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf?utm_source=blog&utm_campaign=rc_blogpost. Acesso em: 03 de abr. de 2020.
- BRASIL. **Lei nº 5692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, 1971. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

BRASIL. **Lei n. 10328**, de 12 de dezembro de 2001. Brasília, 2001. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110328.htm#:~:text=LEI%20No%2010.328%2C%20DE,e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional. Acesso em: 24 de maio de 2020.

BRASIL. **Lei n. 10793**, de 1º de dezembro de 2003. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.793.htm. Acesso em 24 de maio de 2020.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação - PNE**. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2014/lei-13005-25-junho-2014-778970-publicacaooriginal-144468-pl.html>. Acesso em: 14 de maio de 2020.

CARVALHO, R. M. A.; CAMARGO, M. C. S. Formação de Professores em Educação Física e a Educação de Jovens e Adultos. **Movimento**. Porto Alegre, v. 25, e25029, 2019. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/85233/52824>. Acesso em 17 de mar. de 2020.

COSTA FILHO, J. L. et al. A Importância da Educação Física no Ensino Fundamental 1. **Revista Gestão Universitária**, s/n, 2017. Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-importancia-da-educacao-fisica-no-ensino-fundamental-1>. Acesso em 20 de dez. de 2020.

CUNHA, L. A. **Programa Nacional de Alfabetização (PNA)**, 2019.

Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/programa-nacional-de-alfabetizacao-pna>. Acesso em: 2 de jun. de 2020.

FIGUEIREDO, J. P.; DIAS, V. K.; SILVA, R. L.; SCHWARTZ, G. M.

Atividades de

aventura: vivências para diferentes faixas etárias. São Paulo: Supimpa, 2018.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDRICH, M; et al. Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 18, n. 67, p. 389-410, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362010000200011>. Acesso em 15 de jun. de 2020.

GÜNTHER, M. C. C. O direito à Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 400-412, jun. 2014.

KRUG, R. R.; IVO, A.A.; KRUG, H.N. As lembranças significativas do tempo da Educação Física Escolar na educação básica pelos licenciandos do CEFD/UFSM: colaborando com o “aprender a ser professor”. **Boletim Brasileiro de Educação Física**, Brasília, n.73, p.1-9, fev./mar., 2009.

MIRANDA, L. C. P; SOUZA, L. T; PEREIRA, R. D. **A trajetória histórica da EJA no Brasil e suas perspectivas na atualidade**. In: Seminário de Iniciação Científica, 5., 2016. Monte Claros, 2016.

PIMENTA, R. P. T. **Ensino de Educação Física na Educação de Jovens e Adultos: saberes docentes de uma professora de educação física construídos dentro de uma experiência profissional na Educação de Jovens e Adultos**. 2011. 42 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SOARES, C. L. et. al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 2012.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e Adultos como Sujeitos de Conhecimento e Aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**, n. 12, set./dez.1999, p. 59-67.

PERNAMBUCO. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares de Educação Física: Educação de Jovens e Adultos**. Recife, PE, 2013.

Disponível em:

http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/PCPE_VD_EDUCA CAO_FISICA_EJA.pdf. Acesso em 03 de jun. de 2020.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, P; SILVA, G. Os Sujeitos da EJA nas Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. **Educação e Realidade**, v. 45, n. 2, Porto Alegre, 2020.

Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362020000200604. Acesso em 20 de dez. de 2020.

Sabrina Prats Raspini

Licenciada em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: sabrinerpratsr@hotmail.com.

Samantha Sabbag

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Ciências do Movimento Humano, pela Universidade do Estado de

Santa Catarina, possui especialização em Desenvolvimento Infantil e graduação em Licenciatura em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2002). Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, no Centro de Ciências da Saúde e do Esporte - CEFID. E-mail: samanthasabbag@gmail.com.

Recebido em 21 de novembro de 2020.

Aceito em 11 de janeiro de 2021.